

SODRÉ, Néelson Werneck. **A ideologia do colonialismo**. 2 ed., Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1965. 253 p. (Retratos do Brasil, 31)

Geraldo Inácio Filho*

O autor estuda os reflexos da ideologia do colonialismo no pensamento brasileiro. Escolhe um representante de cada época. Do período colonial o eleito é o bispo Azeredo Coutinho, economista, partidário da unidade entre Portugal e Brasil, entre metrópole e colônia. Vê identidade de interesses entre uma e outra.

O segundo a ter a obra estudada foi José de Alencar, um romancista da ordem escravocrata. É realçada a sua importância como "fundador do romance brasileiro" e as influências que sofre de Chateaubriand e Cooper. São colocadas as razões do indianismo de Alencar, bem como o porquê deste não tocar na questão escravista. Foi um escritor muito popular, apesar disso.

Baseado nas teorias do higienista francês Michel Lèvy, Sílvio Romero escreve: "O brasileiro é um ser desequilibrado, ferido nas fontes da vida; mais apto para queixar-se que para inventar, mais contemplativo que pensador, mais lirista, mais amigo dos sonhos e palavras retumbantes que de idéias científicas e demonstradas. . ." (p.87). Apesar de discutir e negar a validade da obra dos teóricos europeus, o "guerrilheiro desarmado" como o denomina Sodré, ainda aceita suas conclusões. Eram autoridades à sua época, e Romero estava desarmado porque a ciência de sua época não lhe permitia ver com clareza os "equivocos científicos". Sofreu influência também de Gobineau e Martius. Este último, no seu tempo, era a grande autoridade da história, especialmente em nossa terra, onde seu compêndio: Como se deve escrever a história do Brasil, era o "vade mecum" de nossos historiadores.

Euclides da Cunha, como Sílvio Romero, se utiliza da ciência de seu tempo e, mais que isso, da ciência de seu tempo que chegou ao Brasil. Mistura ciência, intuição e superstição. É muito diferente a imagem do sertanejo (titã) que se vê nos seus Diários da Campanha, do mesmo sertanejo de Os Sertões (requilíbrio neurastênico do litoral), embora tenha se servido de suas anotações de campanha para escrever sua obra máxima. Só que, ao fazê-lo, para dar ares de cientificidade a ela, utilizou-se das teorias elaboradas por autoridades européias, especialmente Buckle e seu determinismo climático, condenando nosso país à selvageria e à barbárie eternas, apesar de termos as condições que, segundo o próprio Buckle, germinaram as grandes civilizações.

* Professor do Departamento de Filosofia da UFU.

Para Werneck Sodré, Oliveira Viana faz uma opção deliberada pela ideologia do colonialismo, posto que, vivendo neste século, a ciência de seu tempo já lhe permitia refutar os preconceitos colonialistas, não sendo necessária condescendência alguma para com ele. Mulato, era racista. Seu paradigma é o homem europeu, a raça ariana. E escreve: “. . . o que chamamos mulato é o mulato inferior, incapaz de ascensão, degradado nas camadas mais baixas da sociedade e provindo do cruzamento do branco com o negro de tipo inferior. Há porém mulatos superiores, arianos pelo caráter e pela inteligência ou pelo menos suscetíveis de arianização capazes de colaborar com o branco na organização e civilização do país. . .”(p.187). Para Oliveira Viana, os arianos são elementos superiores, e, por isso, é justo que detenham o poder e toda a ordem jurídica classista. No dizer de Sodré: “jamais se formulou, no Brasil, uma obra de teor racista, fascista, nazista, tão nítido e tão profundo”.

Nélson Werneck Sodré é um autor qualificado para falar do assunto. Autor de extensa obra sobre a história do Brasil é pesquisador sério, professor competente. Lecionou na Academia Militar das Agulhas Negras, na Escola de Comando e Estado Maior do Exército, foi chefe do Departamento de História do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), do qual é um dos fundadores. Não se deixou enganar pela ideologia colonialista, mas, ao contrário, denunciou-a em várias de suas obras. É general da reserva, cassado.

Ideologia do Colonialismo é uma obra de grande valor para a compreensão do Brasil atual, da ideologia dominante. Precisa ser lida, sobretudo pelas gerações mais jovens.